

AVENIDA IRMÃ SERAFINA

Designada em 01-07-1889

Formada pela antiga rua Sete de Setembro

Início na rua Uruguaiana

Término na rua General Osório

Centro

Obs.: Antes era denominada rua 7 de Setembro. Foi conhecida também pelos nomes de rua do Brejo ou rua da Bica Grande. O nome de rua Irmã Serafina foi proposta os edis Ricardo Gumbleton Daunt, Oto Langaard e José de França Camargo aprovada na reunião de 01-07-1889.

IRMÃ SERAFINA

A Irmandade de Misericórdia de Campinas, por proposta de Dom Vieira, funda o Asilo de Orfãos, anexo à Santa Casa, cuja inauguração se verificou em 15-agosto-1890. Entretanto, já em 1884, funcionava a escola do Asilo, com um número de matriculas de duas centenas de crianças. Para dar suporte a mais essa obra, a Irmandade visando o aprimoramento dos serviços prestados na Santa Casa e no Asilo, firmou contrato com a Congregação de São José de Chambéry, através da superiora do Colégio Nossa Senhora do Patrocínio, de Itú, Madre Maria Teodora de Voiron, entregando a direção interna às irmãs daquela entidade. Assim é que veio para Campinas, a irmã Maria Serafina. Com ela vieram também as irmãs Maria Micaela e Luiza Helena. Além de total reorganização dos serviços de manutenção e enfermagem na Santa Casa, dirigiam aos dois estabelecimentos e ministravam aulas de ensino do grau primário. Eis que em 1889 grassa a terrível epidemia de febre amarela que dizimou um terço da população de Campinas. E a dedicação das irmãs às primeiras vítimas foi notável, prestando assistência de dia e de noite, ininterruptamente, na Santa Casa e no Isolamento. As três irmãs foram atingidas pelo mal, porém o caso da Irmã Serafina foi o mais grave, vindo a falecer. A irmã Maria Serafina, a diretora do Asilo, havia nascido em Chambéry, na Sabóia, França, em 09-outubro-1844 e faleceu em Campinas, em 14-abril-1889. A Irmã Serafina é um exemplo de amor ao próximo, de solidariedade humana, havendo entregado sua vida para diminuir o sofrimento de terceiros. Na ocasião, como prova de reconhecimento, a Câmara fez-lhe os funerais, deu-lhe um túmulo e perpetuou seu nome em uma das ruas da cidade. Na lápide de sua sepultura está gravada a seguinte inscrição: "Vítima de sua dedicação".

RUA IRMÃ SERAFINA



RUA SETE DE SETEMBRO - Data da Independência.

Nome atual: Irmã Serafina

(Extraído de fls. 8 do 2º caderno da edição especial do jornal "Correio Popular" de Campinas, de 14-julho-1974 Edição comemorativa do Bi-Centenário de Campinas) O artigo do qual foi extraída a parte acima, tinha o título de "Nomes Pitorescos das Ruas e Praças Existentes em 1848".

anpv/08/83



Quem passa hoje pelas ruas de Campinas, nem de longe imagina quem foi "Barão de Jaguará", "Irmã Serafina" ou "Dr. Quirino", com exceção de algumas pessoas mais idosas ou pesquisadores. Em uma esquina ou outra, em meio aos arranha-céus que substituíram os casebres da antiga Vila de São Carlos no século dezoito, estes mortais fardados, comerciantes ou fazendeiros da época, foram arrastados com a evolução da cidade. E apesar de no passado terem tido uma parcela de importância no processo histórico da cidade e até do País, foram esquecidos. Mas um homem não se esqueceu: há quase 60 anos, João Batista de Sá (Jolumá Brito), vem coletando dados onde compõe biografias inéditas de 150 ruas centrais da cidade. Este historiador campineiro, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sabe as origens de cada uma delas.

Quem sabe por exemplo qual foi a antiga "Rua do Brejo" ou "Rua da Bica Grande", atualmente conhecida como "Irmã Serafina"? Para Cláudio Manoel Marcelino, "Irmã Serafina" foi a esposa de um grande fazendeiro da época". Mas não foi nada disso. Ir-

mã Serafina foi uma religiosa que atuou na época da febre amarela.

Nas biografias de Jolumá Brito, constam que no século passado, quando da inauguração da Santa Casa de Misericórdia, algumas irmãs de caridade vieram da França para Campinas substituir as enfermeiras que, aqui, não possuíam uma educação além da secundária. Irmã Serafina chegou a Campinas já com o nome de batismo, por isso não se sabe ao certo o seu nome, mas sabe-se, com certeza, que ela pertenceu à Congregação de São José, fazendo parte do corpo da Santa Casa de Misericórdia.

Lá ela dedicou sua vida aos doentes atingidos, na época, pelo surto da febre amarela, a segunda desde 1876. Depois de algum tempo, exposta aos perigos da contaminação, Irmã Serafina veio a falecer da terrível moléstia no próprio hospital, em 1889. Em sua homenagem, o Município nomeou uma de suas ruas, oficializada em julho de 1889.

Hoje, a Rua Irmã Serafina vai da "Uruguaiana" até a "General Osório", tendo continuação com a Av. Anchieta, local onde um córrego completava a cena, servindo como lavanderia para as escravas da cidade.

(Extraído do jornal do "Diário do Povo" de 22-maio-1933)

DIÁRIO DO POVO

SEXTA-FEIRA, 2 DE ABRIL DE 1954



## Ruas da cidade

SERAFINA, Irmã — rua  
(Irmã Maria dos Serafins Favre)

Começa na rua Uruguaiana e termina na rua General Osório, ligando a zona do BOSQUE ao CENTRO.

A denominação foi dada em 1.º de julho de 1839, por proposta dos Vereadores: Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, Otto Langaard e José de França Camargo (dados compilados pelo Vereador Edmo Luchini Goulart, para a publicação de sua autoria "RUAS DA EPOCA" IMPERIAL"). Tem várias larguras: 8,50, 11,00 e 16 metros. Chamou-se, antes, rua da Bica, rua do Brejo e rua 7 de Setembro.

Dados Biográficos: Em 1834, de acôrdo com o "Almanaque da Província", as coisas aqui em Campinas iam às mil maravilhas. A cidade prosperava a olhos vistos, classificando-se entre as mais importantes do então. Renomado centro comercial, industrial e estudiantil, não menos importante era sua vida social e cultural.

Porém, pouco antes, isto é, em 3 de março de 1839, justamente pensando no surto progressista de Campinas, e nas consequências futuras que isso traria à infância, a Irmandade de Misericórdia, por proposta do Exmo. Bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira, fundou o Asilo de Orfãos, anexo à Santa Casa, cuja inauguração só se verificou em 15 de agosto de 1839.

Todavia, em 1834 a escola do Asilo, já funcionava com uma matrícula de nada menos que 200 crianças, e uma frequência de 150.

Cinco anos antes, portanto, da epidemia de febre amarela de 1839, lá se encontravam dividindo com a infância campineira, as irmãs Maria dos Serafins Favre, Maria Micaela e Luiza Helena, todas da Ordem Religiosa de São José, aquilo que melhor possuíam: sua cultura. Dirigiam, elas, o estabelecimento e ministravam aulas de ensino do grau primário.

Dentre elas, uma passou para a história da Princesa D'Oeste: a Irmã Maria dos Serafins Favre, a diretora do Asilo, nascida em Sabóia (França), em 9 de outubro de 1814.

Foi a mais dedicada na prestação de serviços às vítimas da terrível epidemia de febre amarela de 1839, que tanta desgraça causou à economia e ao progresso da terra Campineira. Sua prestação de serviços teve início quando surgiram as primeiras vítimas e só terminou, quando, aos 14 de abril de 1839, já exausta pois prestava assistência aos necessitados em períodos diurnos e noturnos, ininterruptamente, na Santa Casa e no Isolamento, veio a falecer atingida pelo mal.

No Cemitério da Saudade, sobre o seu túmulo está gravada a seguinte inscrição: "Vítima de sua dedicação".

Data: 22 MAI 1983

Página: 46



*Irmã Serafina: poucos sabem que ela foi uma freira francesa*



*Dr. Quirino: médico? Jornalista*



*Glécio, político e ministro*